



MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: promessas, dilemas e desafios à condição humana

Karin Alves do Amaral Escobar¹

Resumo: Pretende-se no presente trabalho abordar as características da Modernidade e da Pós-modernidade realizando uma reflexão acerca das conseqüências da modernidade à existência do homem. Problematizando a discussão de como as promessas da modernidade e o processo de globalização tem interferido no posicionamento do homem no contexto da sociedade pós-moderna.

Palavras-chaves: Modernidade, pós-modernidade e conseqüências humanas.

Abstract: It is intended in the present work to approach the characteristics of Modernity and After-modernity carrying through a reflection concerning the consequences of modernity to the existence of the man. Questioning the quarrel of as the promises of modernity and the process of globalization it has intervened with the positioning of the man in the context of the after-modern society.

Key words: Modernity, after-modernity and consequences human beings.

¹ Assistente Social. Universidade Federal Fluminense. E-mail: karinalvesamaral@lg.com.br.



INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da discussão acerca do que veio a se constituir o período denominado modernidade, que tem como marco inicial o advento da revolução francesa (séc. XVIII) com seu lema “Liberdade”, igualdade e “fraternidade”. Os avanços tecnológicos do século XVIII fizeram surgir um novo mito, a idéia de progresso a partir das idéias iluministas.

A partir de meados do século XVIII, o capitalismo foi se consolidando em diversos países. Esse processo de transformação, do qual está vinculado a Revolução industrial, atinge amplos setores da economia. Paralelamente, a expansão e a consolidação do capitalismo trouxeram também novas formas de exploração do trabalho humano, gerando conflitos entre a burguesia e os trabalhadores. Os complexos caminhos da sociedade contemporânea nos colocaram diante de questões como as desigualdades sociais.

Nesse sentido este trabalho parte do pressuposto de que as promessas da modernidade não foram implementadas, entendendo que a pós-modernidade deve ser a insistência num questionamento crítico da sociedade moderna das suas desigualdades sociais e das formas de participação no debate político. (YUDICE, 1999).

1 – Revolução Francesa e Iluminismo: marcos da era moderna

A modernidade tem início com o advento da revolução francesa (séc. XVIII) que vem marcar mudanças de ordem política econômica, social e cultural, pondo fim ao Antigo Regime².

A Revolução Francesa pode ser caracterizada como a tomada do poder pela burguesia, classe social emergente que fornecia os recursos humanos e financeiros para a sustentação dos Estados, mas, contudo não haviam ainda conquistado poder político e igualdade jurídica.

Foi neste contexto que alguns pensadores formularam um conjunto de teorias políticas como iluminismo que defendiam a crença na razão como promotora de progresso e rejeitavam

² Período histórico que teve como característica o Absolutismo Monárquico, a força da Igreja Católica que legitimava o poder político do Rei como sendo um poder divino.



o governo absolutista. Os iluministas eram favoráveis ao governo constitucional (regido por leis), que protegeria os cidadãos contra os abusos do poder, independentemente da forma de governo, monárquico ou república. A ascensão social da burguesia e sua tomada de consciência como classe social foi acompanhada pela expansão capitalista do século XVII e XVIII.

O projeto de expansão capitalista se realiza com a passagem do feudalismo para o capitalismo, com a formação dos Estados -nação, emergência da burguesia, o movimento da Reforma que provocou a quebra da unidade religiosa européia e rompeu com a concepção passiva do homem, entregue unicamente aos desígnios divinos, reconhecendo o trabalho humano como fonte da graça divina e origem legítima da riqueza e da felicidade. Também concebeu a razão humana como extensão do poder divino, o que colocava o homem em condição de pensar livremente e responsabilizar-se por seus atos de forma autônoma.

A partir de meados do século XVIII, o capitalismo foi se consolidando em diversos países. Esse processo de transformação, do qual está vinculado a Revolução industrial, atinge amplos setores da economia. Paralelamente, a expansão e a consolidação do capitalismo trouxeram também novas formas de exploração do trabalho humano. Isso gerou uma série de conflitos entre dois grandes grupos sociais, de um lado a burguesia e de outro os trabalhadores.

Conforme bem aborda Cotrim (2006) a Revolução Francesa, além dos anseios próprios da burguesia, trouxe as aspirações dos trabalhadores urbanos e do campesinato. Essas aspirações iriam gerar em seus desdobramentos as lutas e correntes socialistas do século XIX que denunciaram a exploração do trabalho no contexto do capitalismo industrial. Ao mesmo tempo, o notório otimismo em relação aos poderes da razão que dominaram a idade moderna e parte do século XIX foi em muitos sentidos, minguando ao longo do período contemporâneo. Novas reflexões lançaram desconfiança em relação aos diversos frutos tantas vezes inesperados da ciência e da tecnologia.

Os complexos caminhos da sociedade contemporânea nos colocaram diante de grandes questões como as desigualdades sociais e os rumos do desenvolvimento tecnológico-científico, entre outros. Todo esse progresso garantiu bem estar à população?

O projeto iluminista conforme já discutido anteriormente não era um projeto popular, era um projeto burguês.



Cotrim (2006) utiliza o pensamento de Marx para conceituar o papel do Estado e afirma que ele não é um simples mediador de grupos rivais, isto é, entre aqueles que protagonizam a luta de classes. O Estado é uma instituição que interfere nessa luta de forma parcial quase sempre tomando partido das classes sociais dominantes. Assim, a função do Estado é garantir o domínio de classe. Nascido dos conflitos de classe, o Estado tornou-se a instituição controlada pela classe mais poderosa, a classe dominante. Assim, na maior parte dos Estados históricos, os direitos concedidos aos cidadãos são regulados de acordo com as posses dos referidos cidadãos, pelo que se evidencia ser o Estado, um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem.

2- Discutindo o conceito de pós-modernidade

Para alguns autores não existe necessariamente uma condição pós-moderna, mas a transformação radical das bases da modernidade, como o fim da idéia do iluminismo e descrença na racionalidade.

Harvey (1998) aponta que a pós-modernidade é fruto dos avanços políticos e culturais da modernidade. A pós-modernidade nasce da modernidade, na verdade a modernidade era o período de “gestação da pós-modernidade”, colocando que os avanços tecnológicos, como a microeletrônica, a internet, a robótica, que hoje permitem uma nova forma de vivenciar o contemporâneo, são, na realidade, frutos da própria modernidade. Para Harvey a modernidade é condição para pós-modernidade. É a emergência de novas maneiras dominantes de experimentarmos o tempo e o espaço na sociedade contemporânea”. (HARVEY, 1998: 08).

Chevitarese (2001) aborda que a pós-modernidade teve início a partir dos anos de 1960. As raízes da discussão encontram-se na crise cultural que se faz sentir principalmente a partir do pós-guerra. O desencanto que se instala na cultura é acompanhado da crise de conceitos fundamentais ao pensamento moderno, tais como verdade, razão e progresso. O projeto de modernidade parece constituir um grande sonho que a humanidade elaborou para si mesma, ou ainda um projeto de razão como libertadora. O discurso iluminista de emancipação pela revolução, ou pelo saber, sustenta essa confiança na capacidade da razão.



A pós-modernidade para o autor não seria o fim da modernidade, mais o desencanto da modernidade com o que não deu certo. O autor recorre às idéias de Harvey dizendo que o projeto de modernidade entrou em foco no século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência, a razão e as leis universais. A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária.

Entretanto o que se observou foi que a expectativa quanto aos frutos da ciência foi dolorosamente interrompida por eventos que marcaram a sociedade atual. O principal deles foi sem dúvida à catástrofe da II Guerra Mundial. A ciência perdeu o seu valor, resultado da desilusão com os benefícios que associados à tecnologia trouxe à humanidade. Na verdade a ciência acabou gerando duas guerras mundiais resultante da invenção de um armamento bélico poderoso e destrutivo. Todo esse desenvolvimento científico culminou numa crise ecológica mundial. Nesse sentido podemos duvidar dos reais benefícios trazidos pelo progresso apontando ainda para uma dependência tecnológica. A pós-modernidade configura-se como uma reação cultural, ou seja, uma perda de confiança no potencial universal do projeto iluminista.

3- As conseqüências da modernidade à condição humana

O século XVIII, marcado pelo advento da Revolução Francesa, vem trazer profundas transformações a existência humana.

Conforme bem aborda Simmel o século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas no que se refere ao Estado, a religião, à moral e à economia. Um indivíduo preso a vínculos de caráter político, agrário, corporativo e religioso, erguendo-se assim o grito por liberdade e igualdade, a crença na plena liberdade de movimento do indivíduo em todos os relacionamentos sociais e intelectuais. A liberdade permitiria que a substância nobre comum a todos viesse à tona, que a natureza depositara em todo o homem e que a sociedade e a história não haviam feito mais do que deformar.



Entretanto o autor ressalta que junto com essa maior liberdade adquirida pelo homem, o século XVIII exigiu do mesmo a sua especialização e também do seu trabalho, tornando-o mais dependente das atividades suplementares de todos os outros homens.

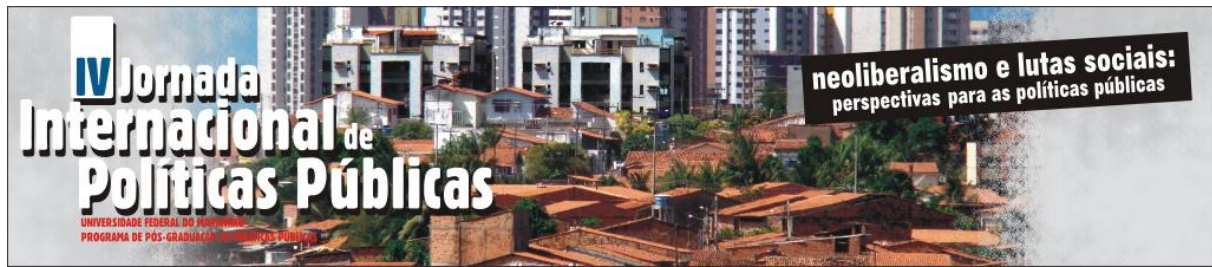
Através da divisão econômica do trabalho, por outro ideal se levantou os indivíduos liberados dos vínculos históricos e que agora desejavam distinguir-se um do outro. A escala dos valores já não é constituída pelo ser humano geral, mas pela unicidade e insubstitubilidade, mas ao mesmo tempo dependente do trabalho dos outros homens. Exigindo que o indivíduo apele para o extremo no que se refere à “exclusividade” e particularização para preservar sua existência o que acaba incentivando a competitividade.

Para abordar as características da modernidade o autor trabalha com a noção de metrópole que se constitui o lócus privilegiado para expressar o modo de modo de vida moderno pautado na racionalidade do homem conforme as idéias iluministas.

Simmel irá refletir sobre os impactos da vida moderna na subjetividade humana, de como essa vivência irá interferir no conteúdo individual do homem. Para o autor a vida metropolitana requer um nível elevado de consciência e inteligência do homem. A intelectualidade se destina a preservar a subjetividade contra o poder avançado da vida na metrópole. O ser humano resiste a uniformização do indivíduo. Nesse sentido a metrópole enquanto sede mais alta da economia do trabalho, requer que o homem se especialize o tempo todo para preservar seu lugar, seu espaço e não ser substituído pelo outro.

Velho (1994) ao refletir sobre os escritos de Simmel aponta que o mesmo via na multiplicidade e diferenciação de domínios e níveis de realidade da sociedade moderna um desafio à integridade do indivíduo psicológico. A modernidade da metrópole significaria um impedimento ao desenvolvimento integrado do indivíduo.

Entretanto Velho (1994) tenta relativizar essa concepção de que a vida na metrópole ameaça o desenvolvimento integrado do indivíduo ao afirmar que é próprio da metrópole, das sociedades complexas um campo de possibilidades onde é possível uma interação entre indivíduos em meio a tanta diversidade onde se cruzam trajetórias e trilhas sociológicas e culturais. Apesar dos mundos estarem demarcados por fronteiras étnicas, sociológicas e culturais a experiência dos grandes centros urbanos tenderam a relativizar essas fronteiras apontando a existência de uma rede de relações nas sociedades complexas.



Para Velho por mais significativa e inclusivas que podem ser categorias como família e parentesco, bairro e vizinhança, origem étnica, grupos de status, estratos e classes sociais registravam-se circulação, interações sociais associadas a experiências, combinações e identidades particulares, individualizadas. O mercado de trabalho e o trabalho, a vida política com suas transformações são, sem dúvida, fatores estimuladores dessas “travessias sociológicas” com maiores ou menores custos individuais.

O indivíduo na sociedade moderna se constitui ponto de interseção de vários mundos através da organização social e interação entre indivíduos e suas redes de relações, através da negociação da realidade, onde a idéia de negociação seria a idéia de reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade.

Um outro elemento importante que vem trazer profundas transformações culturais nas sociedades modernas se refere ao processo de globalização. A globalização refere-se àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço, tempo, tornando o mundo em realidade e experiência mais conectado. A globalização implica num movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Entretanto o crescente avanço tecnológico não deve significar a eliminação de modos de vida tradicionais. No mundo globalizado as novas tecnologias e comportamentos devem conviver com hábitos e costumes das antigas gerações.

Independentemente de qual seja a ordem política, econômica e mundial, um aspecto da era da globalização mantém-se cada vez mais poderoso e mundializado, o sistema de produção e consumo objetivando arrematar todos os tipos de consumidores e independentemente das diferenças culturais, incentivando o consumo de massa. A necessidade do consumo passa por cima de qualquer diferença cultural.

Para Castells (1999) o processo de globalização se constitui uma ameaça detectada em todas as sociedades pela maior parte da humanidade neste fim de milênio, pois dissolve a autonomia das instituições, organizações e sistemas de comunicação local onde vivem as pessoas. Aponta que uma outra ameaça se refere à formação de redes e à flexibilidade que tornam praticamente indistintas as fronteiras de participação e envolvimento, individualizam as



relações sociais de produção e provocam a instabilidade estrutural do trabalho, do tempo e do espaço.

Para Bauman (1998) a distinção contemporânea sobre o contínuo do tempo é o aspecto mais profundo da mentalidade moderna.

Os homens modernos viveram num tempo-espaço sólido, durável, duro recipiente em que os atos humanos podiam cunhar-se seguros. Liberdade era a necessidade conhecida, mais também a decisão de agir com esse conhecimento. A estrutura estava em seu lugar.

Entretanto para os homens e as mulheres da pós-modernidade esse mundo desapareceu. Não temos a facilidade de retirar a estrutura do mundo da ação dos seres humanos, a solidez firme, de pedra, do mundo exterior à flexibilidade da vontade humana.

Conforme aponta Bauman (1998) o mundo em que o homem tem vivido é formado de regras que são feitas e refeitas no curso da disputa. Viver nesse mundo é jogar bem e usar ao máximo suas habilidades. O mundo tem se tornado mais frágil. Todas as relações que perpassam o mundo contemporâneo são simples, sem compromisso para durar não mais do que a satisfação derivada. O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis e projetados para imediata obsolescência.

Para o autor a liberdade de escolha na sociedade pós-moderna é o maior fator de estratificação, quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta é a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna.

CONCLUSÃO

Nesse sentido a mundialização do capital e as novas tecnologias interferem em aspectos importantes da sociedade como a subjetividade, a identidade e a cultura.

Chevitarese (2000) considera que a pós-modernidade pode ser caracterizada como uma reação à cultura ao modo como se desenvolveram historicamente os ideais da modernidade, associada à perda de otimismo e confiança no potencial universal do projeto moderno. Configura-se como uma rejeição à tentativa de colonização pela ciência das demais esferas da vida do homem. A pós-modernidade não abandona os imperativos da racionalidade crítica, ao



contrário, leva a crítica às mais profundas conseqüências, questionando os conceitos pressupostos pela modernidade. De acordo com as reflexões de Bauman (1998) o homem pós-moderno é aquele facilmente adaptável que convive a todo momento com as realidades distintas e consegue de forma satisfatória sobreviver a todas elas. Entretanto existe ainda um homem que se mantém preso a valores, em mundo limitado. É possível que esse homem busque um posicionamento mais autônomo diante da vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998 (pág 106-120).
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*, São Paulo: Paz e Terra, 1999. p 21-92.
- CHEVITARESE, L. “As razões da pós-modernidade”. In: Análogos. Anais da I SAF-PUC, Rio de Janeiro: Boolink. (ISB 85-88319-07-1).
- COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*, 16 ed, São Paulo: Saraiva, 2006.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*, São Paulo: Edições Loyola, 1993. (pág 13-114)
- SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In VELHO, O. (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro : Zahar.
- VELHO, G. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1994. p 11-48.
- YUDICE, G. “Entrevista: O pós-moderno em debate”. In *Revista Ciência Hoje*, março de 1999.